

UniSantos terá vestibular indígena

Universidade terá 40 vagas específicas para formação de professores oriundos de aldeias da região; seleção será em janeiro de 2019

TATIANE CALIXTO
DA REDAÇÃO

Está prevista para as próximas semanas a publicação do edital com detalhes para a realização de um vestibular indígena, específico para professores de aldeias da região. A ação envolve a Diocese e a Universidade Católica de Santos (UniSantos), as diretorias de Ensino da região e a Funai com o objetivo de qualificar os docentes que, apesar de estarem à frente das salas de aula, não têm formação adequada.

A previsão é que a seleção aconteça na primeira quinzena de janeiro de 2019, oferecendo 40 vagas para os cursos de licenciatura em Pedagogia, Letras, Filosofia, Matemática, Ciências Biológicas, História e Música. Segundo o reitor da UniSantos, Marcos Medina Leite, os professores selecionados terão bolsas integrais para concluir a formação. "Estamos acertando os últimos detalhes com a Funai para a publicação do edital".

Medina explica que a necessidade de investimento nos professores das aldeias foi levantada durante as iniciativas da Diocese de Santos para a criação da Pastoral Indígena, indicada no Plano de Evangelização 2016/2019.

"Aqui na região temos a maior concentração de aldeias de São Paulo. Por isso, se pensou em uma pastoral específica. Logo nas primeiras reuniões com as lideranças indígenas para verificar as prioridades, eles já apontaram a educação como primordial", explica o reitor.

GRUPO PLENO

Um levantamento mostrou que 80 professores da Baixada precisam de formação. Por isso, a expectativa é que em 2020 um



Professores de origem indígena já lecionam nas aldeias, mas sem a formação adequada



Vagas são para cursos de licenciatura em diversas áreas

novo vestibular acontece para o ingresso de mais uma turma de 40 alunos. "Entendemos que essa é a nossa missão como educadores. Queremos um grupo pleno de dignidade e isso passa pela educação. Dessa forma, qualificando o professor, também poderemos garantir melhores condições para que as crianças aprendam".

O cacique Ubiratã Gomes, professor coordenador da Diretoria de Educação de São Vicente e um dos líderes entre as comunidades indígenas do Litoral, explica que a atual realidade demonstra que apenas 5% dos professores das aldeias indígenas têm formação universitária, o que dificulta até mesmo os trabalhos de formação continuada desenvolvidos pelo Núcleo Pedagógico da Diretoria.

Para ele, o principal impacto

DEPOIMENTO



Ubiratã Gomes ou Ubiratã Awã Baretédjú,
NA LÍNGUA TUPI, CACIQUE, 41 ANOS

"Sou indígena Tupi, falante do idioma Tupi Guarani, moro na aldeia indígena Bananal, em Peruíbe, onde sou cacique, juntamente com meu irmão mais novo, Paraguaçu. Depois que terminei meus estudos em 2000, assumi a sala de aula na escola da Aldeia. Em 2005 tive a oportunidade de ingressar juntamente com outros professores indígenas na USP, onde fizemos licenciatura em Pedagogia. Desde então atuo como professor. Para aprimorar minha formação venho, desde 2013, tentando ingressar em um mestrado. Em 2015, fui convidado pela atual dirigente de ensino de São Vicente, Regina Spada, para integrar o grupo de professores coordenadores da Diretoria de Ensino, podendo auxiliar os demais professores indígenas da minha região. Atualmente, estou em meio a um processo seletivo no Departamento de Antropologia na USP, na última fase de entrevista. Acredito que a formação só vem fortalecer a minha identidade indígena, ao mesmo tempo em que pratico a alteridade quando me relaciono com a sociedade não-indígena. Busco com esse conhecimento acadêmico, auxiliar não só na luta por uma educação escolar de qualidade, como também, fortalecer nossa luta enquanto povo nativo que há muito resiste para manter nossa cultura milenar".

da iniciativa é na vida dos alunos. "Toda capacitação é bem vinda e importante, ainda mais quando se trata de uma formação universitária. Quando ingressei no Ensino Superior, na Universidade de São Paulo, vi o quanto melhoraram minhas aulas e, consequentemente, o aprendizado dos estudantes".

O cacique explica que uma resolução estadual específica que ampara a educação escolar indígena (Resolução SE 147,

de 2003), prevê uma educação diferenciada, que visa o fortalecimento das culturas tradicionais existentes nas aldeias indígenas de São Paulo.

Por isso, ele garante que, no futuro, também será preciso pensar em uma formação intercultural, com ênfase na cultura do grupo atendido. "No estado, são cinco etnias: tupi, guarani, krenak, kaingang e terena. Aqui no Litoral prevalecem os tupis e guaranis".